

União Espírita Francesa

CONSOLAÇÕES



CONSOLATIONS

UNION

SPIRITE

FRANÇAISE

G.D.C.J.

1885



Associação Espírita Clássica



www.luzespirita.org.br

CONSOLAÇÕES

**União Espírita Francesa
G.D.C.J.**

Original em francês, de 1885:

CONSOLATIONS

Union Spirite Française

G.D.C.J.

Tradução: Rogério Miguez

Prefácio: Rogério Miguez

Revisão: Ery Lopes e Irmãos W.

Compilador: Charles Kempf (Presidente da Federação Espírita Francesa)

Versão digitalizada:

© 2019

Distribuição gratuita:

Autores Espíritos Clássicos

Portal Luz Espírita



3 – CONSOLAÇÕES

CONSOLAÇÕES

UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

G. D. C. J.

1885

PARIS – GRÁFICA ALCAN-LÉVY
RUA LAFAYETTE, 64

SUMÁRIO

Prefácio — pag. 5

Dedicatória — pag. 8

Consolações — pag. 9

 Como se faz uma experiência espírita — pag. 15

 A Filosofia Espírita — pag. 23

Aviso — pag. 30

Apêndice — pag. 31

 I — pag. 31

 II — pag. 34

 III — pag. 36

 IV — pag. 36

 V — pag. 38

 VI — pag. 39

 VII — pag. 40

PREFÁCIO

Ler, ou quem sabe reler textos antigos relacionados ao desenvolvimento da Doutrina dos Espíritos, é um prazer inenarrável. Dizemos reler, pois, de fato, por hora, não se sabe quantos, agora vinculados ao Espiritismo, estiveram enfileirados entre os espíritas das primeiras horas, ninguém o sabe, talvez esta real possibilidade justifique o interesse e a curiosidade de uns poucos em descobrir, como um arqueólogo o faz, tesouros espíritas escondidos do passado nas inúmeras publicações espíritas dos séculos XIX e mesmo início do XX, descortinando-os e apresentando-os ao conhecimento moderno para que todos igualmente possam também perceber, embora palidamente, como foram as lutas durante aqueles inesquecíveis momentos, período que jamais será esquecido, uma vez que marcará esta humanidade para sempre, pois representa o descortinar da Terceira Revelação.

Na França pós-Kardec, incansáveis seguidores do Codificador lutaram bravamente para manter o pensamento do Mestre de Lyon incólume, entretanto, por algum tempo as verdadeiras ideias espíritas foram sufocadas por tramas diversas urdidas por Espíritos desorientados, por incrível que pareça contemporâneos de Allan Kardec, seguramente também influenciados por outros desencarnados.

Este provisório desvirtuamento só se concretizou pela invigilância daqueles que tiveram a missão de zelar pelo legado de Allan Kardec, mas por diversas razões não o fizeram, embora tenham assistido e visto os inúmeros e corretos exemplos do Mestre, quando com ele conviveram.

Entre os poucos paladinos desta árdua luta, momentos heroicos com toda a certeza, destaca-se a figura de Gabriel Delanne, aquele francês que

Allan Kardec segurou no colo quando menino, e, valendo-se de sua extraordinária determinação, deixou-nos igualmente obras de raro valor doutrinário, hoje relativamente esquecidas por muitos espíritas, estes ainda não perceberam ser Gabriel Delanne um legítimo continuador da obra de Allan Kardec sob o ponto de vista científico.

E tudo indica ser exatamente Gabriel Delanne um dos autores da brochura **Consolações**¹ que ora nos dedicamos a traduzir para dividi-la com os nossos companheiros de jornada.

E por qual razão dizemos um dos autores da obra, pois esta é assinada com 4 letras capitais: G.D.C.J., tudo indicando serem as duas primeiras letras exatamente as iniciais de Gabriel Delanne. Sobre as duas últimas ainda não se tem conhecimento de quem seriam, mas sabe-se que pertencem a uma mulher, talvez mais uma *femme forte* do Espiritismo, desconhecemos.

Graças ao trabalho de pesquisa de Charles Kempf, dedicado espírita “franco-brasileiro” presidente da Federação Espírita Francesa e ex-Secretário Geral do Conselho Espírita Internacional, descobriu-se algumas pérolas relacionadas a esta publicação, todas incluídas ao final do texto.

A brochura se divide em três partes: a primeira propriamente dita aborda a questão das **Consolações**, tão importantes em um mundo de provas e expiações, onde os infortúnios se apresentam a todo o momento; no capítulo subsequente, há uma interessante abordagem de como se realiza uma experiência espírita, especial atenção ao relato sobre uma questão formulada aos Espíritos durante uma reunião a propósito do número de orelhas na sala do experimento, muito peculiar e ilustrativo o desfecho; finalmente, concluindo o trabalho, um pouco sobre a bela filosofia espírita.

Consolações apareceu em um momento oportuno para recuperar a divulgação da boa e única Doutrina dos Espíritos, renovando a fé dos seguidores, pois, estes se encontravam desgostosos diante de tantos desvirtuamentos doutrinários surgidos gradativamente após aquele 31 de março de 1869, data da desencarnação do Codificador.

É de se notar ter sido a obra **Consolações** distribuída gratuitamente, aos milhares de exemplares, demonstrando de forma inequívoca como foi bem assimilado por alguns o exemplo de Allan Kardec; o Mestre jamais visava lucro com os frutos do seu trabalho espírita.

¹ Cópia do original em francês disponível no site da Biblioteca Nacional da França: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3195454?rk=42918;4> – N. E. (Nota do Editor).

7 – CONSOLAÇÕES

A obra representa uma síntese do caráter alentador do Consolador Prometido por Jesus passados mais de dois mil anos, desta forma, reconfortemo-nos também com este texto, pois ele poderia ser seguramente publicado nos dias de hoje com efeito idêntico ao pretendido na época.

Boa leitura é o nosso sincero desejo aos irmãos em crença!

Rogério Miguez

Articulista de importantes veículos de divulgação espírita no Brasil, a saber:
Reformador, Revista eletrônica O Consolador, O Clarim etc.

DEDICATÓRIA

Caro Allan Kardec, você, o grande iniciador contemporâneo de nossa doutrina, aceite a dedicatória desta pequena brochura. É à sua memória que nós rendemos tributo por esta publicação, onde todas as suas ideias estão contidas.

Que Deus possa nos prestar assistência, a fim de fazer penetrar em todos os corações os princípios que você tão nobremente explicou e defendeu durante sua última jornada terrena.

Esperemos que este pequeno trabalho, nascido do amor e da caridade fraternal, fará germinar a verdade nos corações de todos os que o lerão sem preconceitos.

G. D. C. J.

PROPAGANDA
DA
UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

CONSOLAÇÕES

Para você que sofre de tristezas do coração; para você que trabalha em duros labores; para você que não tem mais o apoio da família; para você que perdeu o doce companheiro de sua vida; para você cujo berço vazio constantemente lembra o anjo que voou para longe, levando consigo a alegria e a felicidade do lar; para você, finalmente, cujo coração é torturado com dores não declaradas e ainda assim pungentes, eu trago este escrito lhe dizendo: Leia.

Leia sem ideias preconcebidas, sem preconceitos, sem segundas intenções. Procure neste pequeno livro, você nele encontrará imensas consolações e a verdadeira via aberta às aspirações de sua alma. Você será como muitos outros que já a encontraram e a encontram a cada dia.

Esta via abençoada e consoladora não é nova: é a doutrina do Cristo em toda a sua pureza, em sua essência. Amar a Deus, nosso pai acima de tudo; amar, ajudar, proteger, consolar todos os nossos irmãos sem espírito

partidário, sem distinção de culto, de posição social, de fortuna.

Por que a dúvida, — esta perturbação da alma que corrói a fé — ela entrou no espírito dos homens? É porque aqueles que devem direcionar nossa inteligência em direção às claridades sublimes reveladas pela missão de Cristo distorceram e ainda distorcem seus princípios fundamentais. Jesus, puro Espírito enviado por Deus à Terra para ensinar aos homens as Suas divinas leis, aqui veio personificando a nossa humanidade. Ele encarnou-se na classe pobre, na casa dos trabalhadores, sempre ensinando a lei do amor e do perdão, sem fazer qualquer exceção na grande família humana. Jesus para instruir não vestia púrpura nem arminho. Jesus expulsou os vendedores do templo; filho e ministro do Criador, ele nos transmitiu gratuitamente e fielmente suas abençoadas leis e vontades.

Jesus nunca disse: “Entre os filhos de meu Pai, tal seita ou aquela seita não entrará no reino dos céus.” No tempo de Jesus, seus apóstolos o ajudaram a servir a multidão que o seguia. Foi com ela que ele compartilhou pães de cevada e peixes. Foi num jumento que ele entrou em Jerusalém, e foi por esse caminho humilde que ele chegou ao Gólgota.

Se, em sua entrada em nossa humanidade, um Rei o fez procurar para matá-lo, é porque ele pressentiu que esta criança seria um grande profeta, trazendo com ele ao nosso pobre planeta os fundamentos das leis do amor, fraternidade e liberdade universais.

No final do seu apostolado entre nós, um sacerdote condenou-o e um magistrado pusilânime ao ponto da covardia, entregou-o à multidão cega.

Leia estas palavras gravadas em bronze que foram preservadas em Caserta, na província de Nápoles.

Sentença pronunciada por Pôncio Pilatos, governador da Baixa Galileia, condenando Jesus de Nazaré à morte na cruz.

“O décimo sétimo ano do reinado do imperador Tibério e o vigésimo quinto dia de março, na mais sagrada cidade de Jerusalém, sendo Anás e Caifás sacerdotes, Pôncio Pilatos, governador da província da Baixa Galileia, sentado para julgar em seu assento, e presidente em seu pretório, condenou Jesus de Nazaré para morrer numa cruz entre dois ladrões; considerando que as numerosas e notórias testemunhas do povo provam:

- 1º Que Jesus é um impostor;
- 2º Que ele excitou o povo para a insurreição;
- 3º Que ele é inimigo das leis;

4º Que ele se diz o filho de Deus;

5º Que ele afirma ser rei de Israel;

6º Que ele foi ao Templo, seguido pela multidão, com palmas nas mãos.

Ordene ao primeiro centurião Quirilius Cornelius para levá-lo ao lugar da execução; é proibido a qualquer pessoa colocar obstáculo à execução de Jesus.

Assinaram o julgamento contra Jesus:

Daniel Robani, fariseu;

Jochanan Zorobabel;

Raphael Robani;

Capret;

Jesus sairá pela porta dos fundos.”

Ó Cristo, nosso irmão, filho como nós de um só Deus, Pai da grande humanidade, não nos abandone, e mais do que nunca grite este grito de amor e oração: "Meu Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que estão fazendo." Para todos, sem exceção, Jesus deu suas instruções; para todos, ele implorou perdão.

Aqui está o nosso modelo, o Espiritismo é a sua doutrina. Os dogmas católicos dizem: "Fora da Igreja, não há salvação." Não se refletiu, ao proclamar esta altiva máxima, que o globo terrestre que conta com um bilhão, duzentos milhões e novecentos mil habitantes, possui apenas trezentos e trinta milhões de católicos. É possível que Deus tenha criado tantas almas para condená-las? Sua doutrina, senhores, primeiro excluiria três quartos da humanidade do paraíso; quanto ao quarto restante, não é nem mesmo certo de alcançar a felicidade, uma vez que os oito décimos são lançados para sempre nos insondáveis abismos do Inferno, onde passam por torturas atrozes, sem esperança de perdão.

Tal crença gerou ceticismo porque é contrária à bondade e justiça do Criador; dela nasceram o livre pensamento e o materialismo, que nos invadem, e, por uma aberração singular, vocês não percebem que os anátemas que vocês lançam do púlpito são as sementes que germinam e geram o erro, representando o Deus da misericórdia como um pai insensível.

O que aconteceu com o espírito evangélico que guiou o grande missionário ao redor do mundo? Ah! desapareceu com a simplicidade das primeiras eras cristãs, e vossas máximas hoje se resumem nesta frase: "Fora

da Igreja, não há salvação;” enquanto Jesus vos responde com o Espiritismo: "Fora da caridade, não há salvação."

Cristo não disse que para adorar nosso Pai celestial, para orar a ele, deveríamos, como vocês o fazem, nos vestir com bordados finos, rendas e enfeites, cujo preço de um só nutriria por muito tempo uma família pobre. Deus que dá indistintamente a todos a luz do seu sol brilhante, não precisa de suas multidões de velas, e logo chegará o dia em que essas grandes palavras serão realizadas: "Meu pai não será adorado apenas no Templo, mas em todo lugar em espírito e em verdade."

Em que circunstâncias você nos ensina a moral de Cristo? Você, que se estabelece como dispensador das graças celestes, não tem medo de colocar suas orações em leilão; você as vende, proporcionando-as com parcimônia de acordo com o dinheiro que se pode dispor. Os ricos que pagam bem certamente serão acompanhados com pompa à sua última moradia, enquanto os pobres que deixam suas famílias sem apoio são enterrados meio que furtivamente, depois de um padre, vindo resmungando, ter pronunciado em tom solene as palavras finais. Coisa extraordinária a dizer, e apesar disto verdadeira, para a manutenção dessas encenações, o templo, o ecônomo do altar, apresentará à família, agora sem apoio, o preço da conduta lamentável feita ao seu saudoso desaparecido!

Você domina as almas fracas assustando-as, e você anatematiza aqueles que, pelo estudo, por uma fé viva e iluminada, libertam-se de seus dogmas terroristas. Você não pratica nem mesmo entre vocês, nem a caridade, nem a solidariedade, como se para ser agradável a Deus, seria necessário construir palácios e de se cobrir de ouro. Qual seria o destino de seus miseráveis irmãos, os párocos dos campos, cuja igreja se parece com o estábulo de Belém?

Continuadores da doutrina do Cristo, vocês a enfraqueceram e distorceram, e eis que de todos os lados as grandes vozes do espaço vêm pregar uma moralidade mais elevada, vêm dar um ensinamento que nos enche de esperança e fé. Já não é em uma ínfima parte da Terra, como a Judeia, que essa revelação ocorre, é em todos os pontos do globo terrestre que milhões de iniciadores se levantam. Por todos os lados, os homens se precipitam em direção à sublime doutrina que os lembra de que são verdadeiramente irmãos e que a lei do Criador do Universo é amor e solidariedade.

Deus, em sua imensa bondade, não poderia sempre nos deixar sob o domínio do terror e da dúvida. Graças às comunicações de nossos entes queridos desencarnados, sabemos o que somos e para onde estamos indo. O clero, de um lado, os materialistas do outro, gritarão alguns, anátema, outros, loucura, não farão nada em qualquer caso. Eles não impedirão que o Espiritismo, verdadeira doutrina do Cristo, abra caminho através do erro, moralizando os povos sem outras armas que as palavras do Sublime Modelo: amor, caridade, fraternidade.

Vocês podem bem reclamar, espíritos fortes ou sistemáticos, o Espiritismo se implanta dentro de todos os espíritos porque o tempo da crença cega passou. Sua doutrina consoladora se implanta dentro de todos os corações, pois prova-nos que nossos queridos falecidos ainda podem aconselhar-nos, instruir, proteger-nos e que seu amor não se extinguiu na sepultura. Este Deus que você nos mostra cruel e vingativo nos aparece como um pai terno e misericordioso que perdoa a todas, escutem, a todas as suas criaturas.

A Doutrina espírita crescerá e se fortalecerá porque é racional e não deixa espaço para dúvida; explica tudo o que, em outras religiões, permite que o pensamento vagueie sem poder encontrar a solução prática.

O Espírita sincero não pode estar desesperado por qualquer catástrofe deste mundo. Ele sabe que a morte daqueles que são queridos para ele é apenas uma separação momentânea, e que quando chega a hora dele voltar ao mundo dos Espíritos, seus pais e seus amigos estarão lá para recebê-lo facilitando sua mudança de estado. Ele sabe que não aparecerá diante de um Deus cercado por relâmpagos e trovões, mas que a voz de sua consciência e seu estado moral lhe mostrarão o caminho a seguir para ascender em direção a mundos melhores, e a encarnação como a única maneira de resgatar suas falhas.

O Espírita sincero valentemente suporta as provações terrenas; ele sabe de onde elas vêm e o que elas lhe informam. Ele sabe que nossa passagem na Terra é determinada pelas falhas que cometemos anteriormente, e que todos os sofrimentos que suportamos aqui nos fazem avançar em direção ao objetivo para o qual Deus nos criou: a perfeita felicidade.

Quão distante estão dos ensinamentos do Cristo aqueles que nos dão dogmas organizados por homens, dois séculos após a morte do grande

missionário. Esses dogmas afirmam que Jesus veio para apagar o pecado original. É admissível que Deus, a essência da justiça suprema, tenha responsabilizado toda a humanidade pela desobediência de duas de suas criaturas, assumindo que Adão e Eva tenham existido, o que é formalmente desmentido pela ciência?

A doutrina espírita ensina, pelo contrário, que ninguém é responsável pelas faltas dos outros. Sabemos que fomos criados simples e ignorantes, dotados de todas as faculdades que devem, em se desenvolvendo, levar-nos à felicidade perfeita. Mas também sabemos que nada é feito de repente na natureza, que é por uma lenta transformação que o Espírito insensivelmente assimila todas as ciências e todas as virtudes. Assim como um estudante deve passar por todas as aulas antes de conhecer completamente o que é ensinado em sua escola, igualmente o homem retorna um grande número de vezes à Terra e se aperfeiçoa a cada uma dessas passagens. Quanto essa maneira de ver é mais justa, mais razoável do que a da Igreja Católica, e acima de tudo, mais em harmonia com a grandeza daquele que organizou o Universo de acordo com leis imutáveis.

O Espiritismo cativa a nossa inteligência pela grandeza das concepções que abre aos nossos olhares deslumbrados; ele nos faz entender o propósito do Criador nas maravilhas de sua própria criação, e descobrimos sua vontade pelo estudo cuidadoso das manifestações dos Espíritos. A lei suprema é o amor e a fraternidade, que nos são recomendadas como os únicos meios de alcançar a Deus.

A vida em nossa Terra é a expiação de nossas vidas anteriores, eu disse acima, e isso é tão verdade que, sejam quais forem as aparências, ninguém é feliz. Eu não irei me preocupar em provar em detalhes os sofrimentos físicos e morais que nos assediam, pois não há um ser humano, aqui, que não saiba que o que se chama felicidade não passa de ilusão, e que muitas vezes aqueles que são considerados felizes se desembaraçam da vida, assim como um fardo pesado.

O Espiritismo espalha um bálsamo salutar sobre todos os nossos sofrimentos, explica-os e ajuda-nos a suportar por esta palavra: expiação. A vida com todas as suas dores, eis a punição, e se não é a única, é uma das maiores. Por isso, nos cabe fazer todos os esforços para reduzir o número de nossas estadias aqui, e nós só podemos fazer isso, seguindo os ensinamentos do Cristo, isto é, colocando em prática a lealdade em nossas relações com

nossos semelhantes, a pureza e abnegação na vida doméstica, servindo a Deus, nosso pai, com toda a força de que nosso espírito é capaz. Vamos sempre lembrar que o olhar atento do Criador examina nossas consciências; esforcemo-nos para nos despojar de nossas imperfeições e, especialmente, do egoísmo, essa praga do mundo moderno. Nunca esqueçamos de que somos membros da família humana, que a inteligência, instrução, fortuna, devem estar em nossas mãos, alavancas poderosas, que irão ajudar a aliviar, a ampliar, a melhorar a posição social e intelectual de nossos irmãos.

Ah! Queridos amados irmãos, que hoje parecem ser os deserdados e a quem o egoísmo social impele a duvidar da imparcialidade do Criador, estudai e aprofundai a consoladora doutrina do Espiritismo. Ela nos ensinará por que vocês não fazem parte, desta vez, dos ricos e poderosos da Terra.

Logo que vocês saibam que essas desigualdades são merecidas e temporárias, oh! então, vocês não terão nem ódio nem lamentos.

E você, que possui os bens da terra, não se esqueça de que você poderia nascer como o Nazareno; lembre-se que existem crianças sem fraldas, famílias sem teto, lares sem fogo. Visite seus irmãos, sustentai a coragem deles, dê-lhes uma ajuda, não como aos pobres a quem damos esmolas, mas como a irmãos menos afortunados, sempre lembrando que somos *realmente* filhos do mesmo Pai; ajude e ame, sem se preocupar com o que fazem ou pensam, agindo assim como o Supremo Mestre que derrama os raios da estrela beneficente sobre todas as criaturas, sem excluir nenhuma.

Meditem e pratiquem a doutrina espírita, vocês que a Sociedade estabeleceu líderes dessas falanges de operários que ajudam a aumentar suas fortunas e a fama de suas casas. Que nossas vistas sejam amplas; façam de todos esses obreiros seus irmãos; sejam seus amigos antes de ser o patrão deles; que o amor e a solidariedade ligam vocês, para mostrar que o Espiritismo não é uma palavra vazia, e que ele traz consigo a solução da questão social.

COMO SE FAZ UMA EXPERIÊNCIA ESPÍRITA

Desde 1852, época onde as mesas girantes invadiram a Europa, tem

se falado muito sobre os Espíritos batedores e o Espiritismo, mas na maioria das vezes para zombar de seus seguidores e ridicularizar suas práticas.

Quando você realmente quiser saber se a alma é imortal, não será necessário mergulhar no estudo dos inumeráveis volumes filosóficos que examinaram essa questão. Você não precisará igualmente adormecer ouvindo as homilias do senhor vigário, será suficiente seguir algumas regras que eu vou lhe indicar.

Se reúnam à noite em torno de uma mesa qualquer e coloquem as mãos sobre o tampo da mesa, observando o silêncio. Tanto quanto possível, é bom certificar-se de que, entre vocês, não haja nenhum brincalhão maldoso que possa enganá-los levantando o móvel com os joelhos.

Quando tiverem tomado as precauções necessárias para que ninguém possa influenciar materialmente os resultados do experimento, esperem que a mesa se mova.

Pode haver fenômenos diferentes. Às vezes ouvem-se pancadas suaves dentro da mesa, esses ruídos lembram pequenos golpes feitos com o dedo, mas são ouvidos saindo do interior da madeira e seu som surdo indica que eles ocorrem de maneira anormal. Em outras ocasiões, ao contrário, não se ouve nada, mas a mesa, animada por movimentos de vai e vem, acaba se elevando sobre um ou vários pés.

Quando estes movimentos se produzem, pede-se à força que move o móvel que responda às questões que lhe serão colocadas e, para facilitar esta conversa, é conveniente proceder da seguinte maneira. Quando a mesa quiser responder sim, ela bate uma vez; para responder não, dois golpes; em seguida, para ditar uma mensagem, é suficiente que uma das pessoas presentes recite o alfabeto em voz alta, e a mesa golpeia uma vez na primeira letra que começa a palavra que ela quer ditar. Obtida esta primeira letra, começamos de novo o alfabeto até que o móvel bata uma segunda vez, a segunda letra é assim obtida, continua-se da mesma maneira até que se tenha obtido a palavra ou frase que se deseja.

Recebem-se assim ditados que são, na maioria dos casos, de grande interesse. M. Eugene Nus publicou um volume intitulado: *Coisas do outro mundo*, no qual ele cita definições de doze palavras obtidas por esse processo, que são verdadeiras obras-primas de concisão.

Logo que a mesa se agita, é bom fazer-lhe algumas perguntas. Pode-se perguntar qual é a força que faz mover o móvel e se ela tem nome. Na

maioria das vezes sabe-se assim que a força que se manifesta é a alma de uma pessoa morta que foi conhecida na Terra.

Procedendo assim, e renovando essa experiência muitas vezes, que os Espíritas vieram a se convencer de que as almas dos mortos podem se comunicar.

Mas, pode-se argumentar que se é tão fácil se comunicar com os mortos, por que esses meios só são conhecidos há trinta anos? Os Espíritos, visto que existem, deveriam ter se comunicado desde o começo do mundo.

A resposta é simples, porque os Espíritos sempre se comunicaram com os homens. É fácil se assegurar disto lendo os autores antigos. Moisés proíbe os hebreus de *fazer a madeira falar*; Tertuliano diz que os romanos frequentemente recorreram à invocação dos mortos; e um grande número de escritores relatam as diferentes cerimônias usadas pelos magos para entrar em contato com Satanás. Infelizmente, todas as crenças foram tratadas como loucura ou crimes pelos padres, e durante a Idade Média, queimavam-se e martirizavam-se os pobres diabos que eram culpados apenas do crime de evocar maus Espíritos, confundindo-os com o Anjo do Mal.

Hoje, graças a revelações d'além-túmulo e ao progresso feito pela razão humana, sabemos que Satanás não existe; que Deus nunca criou almas eternamente destinadas ao mal e que o Inferno, esse dogma monstruoso, nunca teve uma realidade. Também estudamos com confiança os ensinamentos dos Espíritos, sabendo bem que eles não têm nenhum interesse em nos enganar.

Quando um Espírito vem dar seu nome pela mesa, não é necessário ter medo de lhe perguntar quantos anos ele tinha no momento de sua morte, o que ele fez durante sua vida, em uma palavra, deve-se certificar de que é uma alma de uma pessoa que viveu na terra. É seguindo esse sábio caminho que se evita ser mistificado, porque existe no espaço, como em nosso mundo, Espíritos brincalhões que têm prazer em nos enganar. Não devemos esquecer, de fato, que o mundo espiritual é apenas o reflexo do nosso. Nós aí encontramos almas instruídas e almas ignorantes, boas e más. Quando um homem morre, ele chega ao espaço com a bagagem intelectual que adquiriu sobre a terra, possui todas as suas virtudes e todos os seus vícios. Seria um erro grave imaginar que a morte é suficiente para dar à alma o conhecimento de todas as coisas.

Um ser humano que morre aqui acorda na outra vida. Parece-lhe que

ele sai de um sono profundo e, assim como nós somos no dia seguinte os mesmos seres como no dia anterior, o Espírito não muda porque ele despiu o envelope terrestre. O corpo é apenas uma vestimenta grossa que se abandona quando usada, e no espaço temos um corpo incorruptível que os Espíritos chamam de *perispírito*.²

Segue-se daí que não devemos fazer aos Espíritos certas questões de ordem puramente material, porque, neste domínio, são em grande parte do tempo tão ignorantes quanto nós.

Muitas vezes ouvi perguntas sobre coisas frívolas ou tendo um propósito interesseiro, e neste caso as respostas não aconteceram, ou foram feitas para Espíritos de uma ordem inferior que queriam zombar dos evocadores.

Se foi bem entendido o que eu disse acima, os Espíritos são inteligências que só gostam daqueles que sobre a Terra tem alguma consideração por eles. Não há ninguém que de boa vontade vá a uma sociedade para servir de bobo para todas as piadas. Concebe-se, portanto, que as reuniões espíritas devam ser sérias, e que os meios para se ter sucesso é manter muito recolhimento. Não devemos esquecer que os Espíritos são sempre livres para responder ou não, ao nosso chamado. Eles veem nossos pensamentos e, frequentemente se nós os chamamos com o firme desejo de conhecer a verdade, ou apenas para satisfazer uma vã curiosidade, assim, eles veem até nós, ou não se manifestam. É, portanto, uma ilusão grosseira acreditar que é suficiente ficar ao redor de uma mesa de pedestal e chamar as almas dos grandes homens, de modo que eles sejam obrigados a vir e responder à meia dúzia de curiosos.

Deve-se cuidadosamente se colocar em guarda contra comunicações assinadas por nomes pomposos, como Jesus, Alexander, Newton, etc. Na maioria dos casos, não devemos ajuntar nenhuma confiança a essas manifestações, não que esses Espíritos não possam também vir, mas porque não estão à disposição de qualquer um que tente por curiosidade fazer girar uma mesa. Em nosso mundo, os grandes homens também não são obrigados a ficar à mercê do primeiro que aparece, escolhem sua sociedade e seus

² Para um maior desenvolvimento sobre este assunto, ver o livro de M. Gabriel Delanne: ***O Espiritismo diante da ciência***. Editora Dentu (disponível online em:

<https://sites.google.com/spiritisme.net/encyclopedie-spirite/revues-spirites/revue-le-spiritisme?authuser=0>)

— N. E.

amigos, e nada nos demonstra que eles não agem da mesma forma depois de mortos.

Você que evoca os Espíritos, prefira chamar as almas de seus pais e amigos falecidos. Peça-lhes que lhe ensinem sobre sua nova vida, para aconselhá-lo e apoiá-lo nesta vida; você terá imenso consolo ao ver que o ser por quem você chorou que lhe parecia ter desaparecido para sempre, faz vigília constantemente ao seu lado e que ele pode vê-lo e ouvi-lo como se ele estivesse vivo. Não pranteiem mais, mães chorando sobre o anjo que voou para longe, e vocês, pobres viúvas, sobre o querido desaparecido, saibam que suas lágrimas entristecem aqueles que vocês tanto amavam, e que eles seriam felizes em sentir um raio de esperança resplandecendo em seus pobres corações machucados.

É pela divina consolação que o Espiritismo é uma doutrina sublime, ele coloca nas mãos de todos os meios de se convencer de que a vida terrena não passa de um momento, e que percorrido este vale de lágrimas, a alma resplandecerá no mundo espiritual!

É preciso ter muita paciência nas investigações. Frequentemente pode-se ficar meia hora sem qualquer movimento, e de repente a mesa começa a se mexer. Em outros momentos, não há movimento, não importa quanto tempo seja gasto neste estudo. A razão para esse estado de coisas é que as relações entre os vivos e os mortos dependem de uma série de circunstâncias, físicas e morais, que nem sempre são encontradas juntas. Nesse caso, é melhor recomençar os experimentos em outra ocasião. Em geral, uma oração mental feita pelos assistentes ajuda muito no fenômeno; não uma daquelas fórmulas banais que os lábios pronunciam, mas um impulso da alma em direção ao Criador, um pedido sincero para o Autor de todas as coisas, um apelo amoroso ao querido morto que se evoca. Os golpes, seja no interior do móvel, ou pelos pés da mesa, não são os únicos efeitos físicos que podem ser provocados. Quando, entre os operadores, há um médium, isto é, uma pessoa capaz de servir de intermediária aos Espíritos pode-se tentar fixar a mesa. Para obtê-lo, pede-se gentilmente que o Espírito prenda a peça de mobília no solo de modo que seja impossível movê-la. Isso geralmente acontece após cerca de dez minutos e, então, é impossível levantar a mesa. Qualquer que seja a força empregada parece estar pregada no piso, depois, em pouco tempo, a mesa volta a ser móvel como de costume.

Também se pode obter a ascensão da mesa, ou seja, o móvel deixa

completamente o chão e flutua no ar. É um fenômeno desta ordem que fez o acadêmico Babinet espírita.

Os dois últimos fatos são menos comuns do que as comunicações, mas é sempre bom tentar produzi-los, para perceber que há uma força considerável em jogo e totalmente independente das pessoas presentes. Quando estabelecemos as primeiras conversas com os mortos, não houve falta de céticos que pretendiam explicar todos esses fenômenos sem recorrer aos Espíritos. Dizia-se primeiramente que o movimento era produzido pelo fluido magnético de todos os assistentes, concentrado dentro da mesa. Até então, nada impossível que a coisa seja verdadeira, mas, então, não é fácil explicar como esse fluido responde de maneira inteligente às questões que se lhe colocam. Os mesmos negadores diziam então que as respostas eram apenas um reflexo dos pensamentos dos operadores. Isto é absolutamente falso, porque se somos dez em torno de uma mesa e um dos dez interroga, de acordo com a questão, os outros nove pensarão em coisas diferentes, a mesa devia então dar essas nove respostas, normalmente contraditórias. Pelo contrário, se constata que muitas vezes há apenas uma resposta clara à qual ninguém imaginava.

Aqui está uma pequena anedota sobre este assunto contada pelo Sr. d'Assier:

No final de uma sessão onde havíamos feito a mesa falar sobre vários assuntos, um dos assistentes exclamou: "Uma última pergunta para encerrar a noite: que ela nos diga quantas orelhas há na sala." O pedido é feito e o pedestal bate dezesseis vezes. Os assistentes são contados e há apenas sete: "Você está errado, eles dizem, recomece e conte melhor." O pé se ergue novamente e repete o mesmo número de golpes. Nós nos contamos uma segunda vez, e certificamo-nos de que há apenas sete pessoas na sala: "Você comete o erro novamente; recomece."

"O número marcado pelo pedestal era sempre dezesseis; cada um se perguntou qual pode ser a causa deste desacordo. Perdemos-nos conjecturando sobre esse estranho fato, e começamos a duvidar da inteligência do misterioso inspirador quando um dos assistentes exclama: 'É o pedestal que disse a verdade. Esquecemo-nos de contar o gato adormecido no canto junto ao fogo'. Todos os olhares se voltam para a lareira e percebemos um grande gato macho cujas duas orelhas completam o número informado."

Esta pequena história mostra que muitas vezes é necessário refletir cuidadosamente antes de rejeitar como errôneas as respostas dadas pela mesa.

Experimentos cuidadosos e científicos foram feitos por um grande número de sábios e cientistas, os mais ilustres. A Inglaterra está à frente dessa grande corrente científica com o Sr. William Crookes, membro da Sociedade Real de Londres e inventor do radiômetro; é ele quem escreveu estas palavras: "*Eu não digo que é possível, eu digo que é.*" Em seguida vem o Sr. Alfred Russel Wallace, o maior naturalista da atualidade, o Sr. Warley, engenheiro-chefe das linhas telegráficas da Inglaterra, inventor do condensador elétrico. Sr. de Morgan, Presidente da Sociedade Matemática de Londres, Sr. Oxon, Professor da Universidade de Oxford, etc.

O que mostra, até à evidência, que o fenômeno das mesas girantes não é devido à ilusão é que, além dos estudiosos ilustres mencionados acima, a Sociedade Dialética de Londres nomeou uma comissão de trinta e três membros, encarregados de estudar os fatos espíritas.

Após uma investigação que durou dezoito meses, esses senhores concluíram em favor dos Espíritas.³

Nos Estados Unidos, podemos citar nomes célebres das ciências: Robert Hare e o Professor Mapes.

Na presença dos testemunhos de tantos homens de valor, um estudo cuidadoso é essencial, e é desejável que cada um experimente essa maneira de se relacionar com seres que não existem mais corporalmente.

A mesa não é a única maneira de se comunicar com os Espíritos, muitas vezes eles manifestam sua presença por desaparecimentos que não permitem a dúvida; mas na maioria das vezes eles usam escrita mecânica. Aqui está no que consiste esta mediunidade.

Algumas pessoas conseguem preencher páginas inteiras sem suspeitar do que estão escrevendo. Elas só precisam pegar uma pena ou um lápis e, naturalmente, colocar a mão sobre o papel para que imediatamente sintam uma influência que guia suas mãos, fazendo com que desenhem caracteres.

Neste tipo de evocação, é preciso muito recolhimento e refazer um grande número de vezes a experiência. Durante as primeiras vezes,

³ Ver: *Pesquisas sobre o Espiritualismo, por William Crookes e o Espiritismo perante a Ciência*, de Gabriel Delanne — N. E.

frequentemente só desenhamos linhas retas, depois pouco a pouco formam-se algumas letras e, finalmente, acabamos por escrever fluentemente. O que bem prova que não é o médium que escreve, é que se pode conversar com ele enquanto ele recebe a comunicação e que ele responde tão livremente como de costume a todas as perguntas.

Em outras vezes, o fenômeno não se apresenta desta maneira: em vez da mão ser tomada, o médium ouve em seu ouvido as frases que ele tem que transcrever, é como se ele escrevesse sob o ditado de um ser encarnado. Finalmente, pode haver um terceiro tipo de manifestação: os pensamentos do Espírito são sugeridos no cérebro e devem ser escritos à medida que surgem. Devemos distinguir cuidadosamente o que vem da alma do médium, com o que é assim inspirado; mas isso geralmente é fácil, porque se o Espírito exprime ideias fora do conhecimento do médium, será óbvio que não é este último quem escreve. Deste modo, frequentemente se obtêm evidências de que seres que não existem mais materialmente revivem novamente, nada obstante, sob uma forma espiritual.

Aqueles que desejam se iniciar mais profundamente na ciência espírita encontrarão todas as informações adicionais nos livros publicados por Allan Kardec: ***O Livro dos Espíritos*** e ***O Livro dos Médiuns***.

Resumindo, direi que, para evocar os mortos, é preciso muito recolhimento e que a oração é de grande ajuda. Além disso, deve-se perguntar aos Espíritos apenas questões que nada têm a ver com assuntos materiais; quanto mais os evocadores forem sérios e recolhidos, mais as instruções dadas serão grandes e consoladoras.

Finalmente, vocês que servem como intermediários entre homens e aqueles que não o são mais, nunca abusem de suas faculdades até que você faça disso um trabalho, sempre permaneçam desinteressados, para mostrar aos incrédulos que suas intenções são puras e que suas convicções não são vencidas pelo dinheiro. E você que deseja instruir-se, fuja daqueles lugares onde, por uma taxa, você será colocado em contato com os Espíritos; pois na maioria das vezes esses empreendedores do Espiritismo são apenas desafortunados que a ganância e a preguiça têm levado a explorar o que há de mais sagrado do mundo: a alma dos mortos.

A FILOSOFIA ESPÍRITA

Os Espíritos nos ensinam que a natureza é composta de três grandes princípios: Deus, o Espírito e a Matéria.

Pela palavra Deus, queremos dizer a causa primeira, inicial de tudo que existe, é através dele que explicamos a criação e as leis que a governam. É inútil procurar definir sua natureza, pois ele é infinito; ou, embora tão inteligentes que sejamos, não podemos entender o infinito, já que nossas faculdades são limitadas.

Portanto, a priori, devemos rejeitar como prematuro qualquer estudo tendente a definir o Ser Supremo; no entanto, não nos é proibido buscar descobrir seus atributos e, principalmente, revelar as provas de sua existência.

A alma é o segundo princípio inteligente do Universo, é ela que anima a matéria pela sua combinação com este terceiro elemento, e é pelo seu contato incessante que o Espírito gradualmente adquire os conhecimentos que o devem levar, no decorrer do tempo, a conhecer todas as coisas. Mas antes de alcançar este estado perfeito, ou pelo menos a essa perfeição relativa, pois a perfeição absoluta é Deus, o princípio inteligente é forçado a passar por fases sucessivas que chamamos de encarnações.

Elas não só tomam lugar sobre esta terra, mas também em todos os mundos que povoam o espaço infinito. A vida existe, portanto, imensa, indefinível em suas transformações; manifesta-se independentemente do tempo e do espaço e na eternidade das eras. Cada individualidade inteligente evolui gradualmente, desde o infinitamente pequeno até a perfeição, sob o olhar paternal de Deus.

A matéria, que é o terceiro princípio, não sendo dotada de sensibilidade, não pode, conseqüentemente, incorrer em qualquer penalidade ou recompensa; ela segue um imenso ciclo de transformações que, fazendo-a passar de sua primeira natureza, que é o estado cósmico, para o estado de extrema divisão, que é sua forma presente, a trará de volta, uma vez cumprido seu papel, à sua posição inicial para iniciar outra série de transformações, após ter recuperado as qualidades que havia perdido em sua

evolução.

Vamos tratar agora, mais especialmente, desse período em que o espírito está de passagem sobre a terra. Devemos nos perguntar por que ele aí se encontra, qual é o objetivo a que deve chegar. Nossos guias consultados nos disseram que nossa permanência aqui era essencialmente transitória; que poderíamos, pela prática da virtude, adquirir as qualidades necessárias para merecer ascender mais alto; eles nos fizeram entender que os mundos superiores que devemos habitar um dia já atingiram um grau maior de perfeição que o nosso, e que, por consequência, todos os nossos esforços devem tender a libertar nossas almas desses sentimentos vis e baixos que nos ligam à Terra.

Para fixar em nós mesmos as virtudes indispensáveis ao nosso progresso, infelizmente é necessário viver um grande número de vezes em nosso globo. Assim como a cada refinamento, o metal perde sucessivamente as escórias que alteraram sua pureza; do mesmo modo, a cada encarnação, a alma do homem é despojada dos vícios e paixões que a contaminaram; então, depois de um tempo mais ou menos longo, de acordo com a vontade do Espírito, ela consegue conquistar a soma de virtudes suficientes para seu avanço.

Uma coisa a notar é que o princípio humano inteligente sempre tem liberdade. Apesar do determinismo, acreditamos que o livre arbítrio é a mais bela joia de nossa coroa; é através dele que somos merecedores, assim como é através dele que podemos ser retardados no caminho do bem. No entanto, para que haja responsabilidade, esse livre arbítrio deve existir plenamente; portanto, não pode haver nenhuma fatalidade; as doutrinas materialistas que afirmam que o homem tende ao automatismo e que, logicamente, negam a liberdade, são absolutamente falsas. Se não possuíssemos a certeza da nossa liberdade, seríamos apenas máquinas irresponsáveis e, além disso, teríamos esse horrível destino de estar conscientes do mal que produziríamos, sem poder remediá-lo.

A necessidade de retornar à Terra, que reconhecemos ser absolutamente indispensável, ela mesma é subordinada, em parte, à liberdade do Espírito; isto quer dizer que, ele pode atrasar à vontade o momento da prova; mais cedo ou mais tarde, ele compreenderá sua utilidade e a isto se submeterá por si mesmo. Essa concepção da vida do Espírito fornece a razão dos estados tão diferentes, sob todos os pontos de vista, que

observamos nos homens. As faculdades intelectuais, as posições sociais são explicadas pela obrigação de cada alma adquirir o conhecimento inerente a qualquer situação terrestre. Assim, existem certas virtudes, tais como o amor ao trabalho e o império sobre os sentidos, que só podem ser adquiridas pelos sacrifícios que fazemos durante nossas encarnações.

É o mesmo com as qualidades morais, uma vez que nos é imposto dominar a matéria e superar as paixões das quais é a causa. Nós chamamos essa necessidade: a lei da reencarnação. Por meio dela, concebemos melhor a harmonia geral das almas: a solidariedade. De fato, ao vir muitas vezes na terra, fazemos alianças com outras almas, pelos laços da família, que desenvolvem em nós o sentimento tão nobre da fraternidade.

A Terra que habitamos é, portanto, considerada pelos Espíritos, não como um lugar de provação e punição, mas como um dos estágios indispensáveis para o avanço do Espírito. Somos realmente semelhantes a estes estudantes preguiçosos que gemem ao serem forçados a aprender as ciências áridas e abstratas, que mais tarde abençoarão seus pais por terem aberto seus espíritos para o estudo sublime do universo.

Quando tivermos vencido todos os obstáculos, agradeceremos a Deus por tê-los suscitados, pois eles terão sido a causa de nossa felicidade futura, ampliando nosso conhecimento. Quem não sentiu o coração dilatar quando, numa linda manhã de primavera, contemplou o nascer do sol? Que ternas e doces emoções despertam em nós a grandiosa imagem do astro do dia emergindo pouco a pouco acima da névoa que velava o horizonte, chamando à vida esta terra que parecia morta durante sua ausência. Mas o que são essas imagens terrestres ao lado dos espetáculos sublimes do universo? Que pena descreverá a indizível majestade destas gigantescas esferas girando no éter e casando suas esplêndidas radiações nos amplos campos da vastidão! Diante de tais cenas, nossas almas estremecerão de amor pelo eterno Autor de tantas maravilhas.

Vamos resumir em poucas palavras a evolução espiritual da alma. Acima de tudo que existe, Deus subsiste por ele mesmo. Sua vontade criou sem cessar seres e cada um deles, desde o nascimento, começa a progredir submetendo-se às leis eternas que presidem a tudo o que existe. Toda alma, a princípio em estado de germe, desperta lentamente. Ela evolui pouco a pouco enquanto se ergue constantemente do simples para o composto; insensivelmente adquire as qualidades pertencentes a cada um dos graus

que percorre; muitas vezes ela para em sua marcha, quer momentaneamente cansada dos esforços a serem feitos, ela se deixa ser vencida pela apatia, quer por uma indolência, ela não entende que a felicidade coroará seus esforços, mas ela nunca regride. O que conquistou, preserva eternamente, e Deus, em sua infinita bondade, decretou que as virtudes adquiridas estão para sempre embutidas no ser. Nenhuma degradação é assim possível; ela não pode existir sem ser incompatível com a imutável justiça do Todo-Poderoso.

Se os seres são maus, perversos, é porque ainda não despiram as enfermidades impostas por sua origem. O princípio inteligente para se tornar consciente, teve que passar por uma elaboração nas formas inferiores das quais guardou traços; semelhante aos homens que contraem febres pestilentas em sua passagem pelos pântanos e que se curam em contato com o ar puro, os Espíritos momentaneamente ficam viciados no nascimento, e então insensivelmente perdem esses maus fermentos à medida que se elevam em direção ao sol da verdade.

Nós não somos, portanto, seres caídos, ascendemos incessantemente, pelo contrário, em direção à perfeição; aqueles de nossos irmãos que, sobre a Terra, ainda estão sujeitos ao mal são simplesmente seres menos avançados na vida espiritual, ou que, por livre arbítrio, interromperam suas marchas na escalada sem fim.

Nós ainda somos apenas crianças; mal aprendemos a balbuciar as primeiras páginas do livro da vida; não nos surpreendamos, portanto, em percorrer tateando por entre os árduos caminhos que levam à luz.

Tais são, em linhas gerais, os ensinamentos dos Espíritos; como se vê não lhes faltam nem grandeza nem majestade. O ser supremo não é mais um Deus cruel, vingativo e ímpio, cujos filhos são condenados eternamente por uma falta momentânea, ele nos aparece como a mais perfeita expressão de bondade e justiça, já que constantemente ele nos deixa o poder de alcançá-lo. Essas grandiosas concepções não são as únicas que encantam no estudo da filosofia espírita. Há aspectos menos sublimes, mas também consoladores.

Fornecendo a prova da existência da alma, esta Doutrina suaviza a dor causada pela perda de seres ternamente amados que desaparecem a todo o momento da cena do mundo; ela afirma a sobrevivência deles, e podemos senti-los pulsando ao nosso redor novamente; às vezes podemos ver seus rostos amados, conversar com eles e nos convencer de que a noite eterna do sepulcro pesa apenas sobre os restos inertes.

Somos libertos, por esta crença abençoada, do terror da morte; o grande TALVEZ de Montaigne não espalha mais suas asas cétricas sobre a cabeceira dos moribundos; a certeza substituiu em nossas almas os horrores da dúvida, e é com felicidade indescritível que vemos se aproximar o momento de retornar à pátria eterna.

Sim, para sempre são descartadas as apreensões sinistras do materialismo; em vez de ser apenas uma massa de carnes devoradas pelos vermes, somos uma individualidade imortal! O corpo não é mais do que um cadáver que se deixa como uma vestimenta gasta, para se lançar radiante dentro da imensidão, feliz por ser libertado da prisão terrena.

Que essas poucas linhas não pareçam o resultado de uma exaltação irracional, mas que nelas constatemos a alegria que procura a prova que aqueles que acreditamos perdidos para sempre existem realmente. Sabemos hoje que eles estão aí, ao nosso redor, que nos apoiam com todas as suas forças, que nos ajudam nas provações da vida e que, no momento de sacudir as poeiras terrestres, eles virão para nos receber, e não apenas aqueles que conhecemos em nossa última existência, mas também todos aqueles com quem percorremos etapas anteriores. Não é a mais doce e a mais consoladora certeza?

O Espiritismo, do ponto de vista moral, produz os maiores efeitos. Não pode ser de outra forma, pois, um homem convencido de sua imortalidade, convencido de que o propósito de sua passagem sobre a Terra é conseguir se tornar mestre de suas paixões, aplicar-se para evitar ocasiões de fazer o mal; ele sabe que cada falta voluntariamente cometida é um atraso no seu avanço espiritual, e se ele não tem mais o medo dos castigos eternos, ele sabe, no entanto, que ele terá que voltar aqui, para sofrer, até que ele tenha vencido a matéria para sempre.

Quantos seres arruinados na dor terminaram suas tristes existências pelo suicídio e que teriam sido desviados pela convicção íntima de que além da morte seus sofrimentos não estariam terminados, que eles se exporiam a passar pelas mesmas provas, talvez em condições mais terríveis.

As consequências do Espiritismo são imensas, porque se todo o mundo estivesse penetrado por suas verdades, veríamos a humanidade melhorar e caminhar a passos largos para o bem; resultaria em uma harmonia maior entre os homens, e esta fraternidade se estabeleceria pouco a pouco, o que até agora tem sido apenas uma palavra vã.

Em nossos dias, há muitos preconceitos sociais para acreditar que eles desaparecerão sob a influência igualitária da lei. É um sentimento que deve repousar sobre os alicerces sólidos da igualdade de origem e destino. Deve ser provado à nobreza que seus dezesseis quarteirões são apenas distinções ilusórias; que o trabalhador que luta para ganhar seu pão é seu irmão, da mesma maneira que seu irmão corporal, que eles mesmos podem ter sido, em outras encarnações, estes proletários que hoje desprezam. Também deve ficar claro para os trabalhadores que a sua posição precária é muitas vezes devida ao abuso que no passado eles fizeram das riquezas; que eles podem ter sido poderosos e respeitados, e que foi porque eles usaram mal esses poderes que agora sentem tão cruelmente a falta.

Persuadamos os capitalistas e os agiotas de que chegará um momento em que terão que suportar a miséria que semeiam em seu caminho. Eles terão que redimir com dolorosas encarnações as satisfações fugazes da cobiça. No dia em que essas ideias se propagarem a todos: nobres, burgueses, trabalhadores, serão convencidos de que suas posições são essencialmente transitórias, e que por sua vez, de vida em vida percorrerão esses diferentes status, só então, as amargas lutas do egoísmo encontrarão um fim. Que não se tratem estas ideias como utopias, porque eles são o único remédio contra as paixões brutais que são desencadeadas por todos os lados: de um lado a dureza e desprezo, de outro o ódio e cobiça.

Estamos testemunhando essa batalha de interesses que só pode cessar com a nova fé; ela é o resultado de teorias materialistas que, retirando do homem a certeza de sua vida futura, lançam-no com violência à satisfação das paixões mais baixas.

Sem dúvida, desde que nossa Doutrina bendita fará entender seus ensinamentos de amor e de caridade, a hora da libertação soará para nossos irmãos terrestres, a república será verdadeiramente, seguindo uma bela sentença de nossos guias: "a fórmula do reino de Deus sobre a Terra."

O Espiritismo se dirige apenas a razão: nenhuma consideração sentimental vem para destruir a força de seus argumentos; a fraternidade é mais que um dever, é um direito para todos. Nossa filosofia traz a reforma da sociedade pelo homem, mostra-lhe que seu interesse é fazer o bem, não para ser recompensado, mas porque é a única maneira para sair da rotina das paixões, e das consequências desastrosas que elas acarretam.

Portanto, apelamos a todos os pesquisadores, os convidamos para o

estudo desta nova ciência, cujos experimentos são tão intrigantes, e ao exame de nossas teorias filosóficas que satisfazem as mais altas aspirações da alma humana.

Nós os evocamos para não nos rejeitarem sem exame, convencidos que somos, caso eles queiram se dar o trabalho em observar, a luz que brilhará para eles como brilhou diante de nossos olhos.

AVISO

Esta pequena brochura, *Consolations*, com uma impressão de 6.000 exemplares, é oferecida gratuitamente a todos que o lerão. Se, entre eles, houver quem pense que ela pode fazer o bem, peço que mandem o que quiserem, para reeditá-lo com o maior número possível de cópias.⁴

Desde já, posso dizer que o autor não faz um trabalho comercial, todas as cópias foram doadas, e que seu maior pesar é de não poder distribuir aos milhões ao invés de milhares de impressões.

G. D. C. J.

⁴ As subscrições para a reedição serão recebidas pelo Sr. Gabriel Delanne, rua Dalayrac n° 36 e 38, Paris.

APÊNDICE

I

NOSSA BROCHURA⁵

Desde a criação da União Espírita Francesa, temos recebido todos os anos provas de verdadeira simpatia. Novas adesões têm vindo aumentar as nossas fileiras, algumas trazendo-nos o talento das suas colaborações, outras nos proporcionando os meios necessários para continuar nosso trabalho de propaganda e dedicação.

O ano que acabamos de passar não foi estéril. Muitos novos grupos, especialmente na província, formaram-se, como tínhamos anunciado, sob os auspícios da União.

Intercâmbios com publicações francesas e estrangeiras se expandiram. Foram feitas conferências. M. di Rienzo visitou nossos irmãos em Marselha. O Sr. Gabriel Delanne levantou a bandeira da nossa doutrina, em um salão público em Lyon, depois em Bruxelas, no Palácio da Bolsa de Valores. Seu livro, que representa o progresso de nossa filosofia, foi apreciado pelos leitores. A primeira edição está quase esgotada.

Homens de alto valor se juntaram a nós Dr. Reignier, Oficial da Legião de Honra, Presidente do Instituto Magnetológico de Paris, membro de várias sociedades eruditas, aceitou a missão de dirigir nossos estudos espíritas.

A caridade foi amplamente feita, apesar da exiguidade de nossos recursos. Graças à dedicação inesgotável de nossos amigos, várias assinaturas foram coletadas em favor de nossos infelizes irmãos. Nosso

⁵ Revista *O Espiritismo*, 2º quinzena de janeiro de 1886 – N. E.

coração sangra com o pensamento de que idosos espíritas, caídos na pobreza, correm o risco de morrer de frio e fome depois de terem dedicado suas vidas em defesa de nossas ideias.

Oh! Caro mestre, você deve sofrer vendo seus últimos desejos, vontades tão incompreendidas por aqueles que tiveram a missão de aplicá-los!

E para fechar um ano já tão cheio, a Union Espírita Francesa enviará a todos os grupos e aos nossos assinantes um pequeno livro de propaganda oferecido *gratuitamente* aos nossos irmãos em crença por uma generosa dama de nossos amigos. Ele é intitulado: **Consolações**.

Este trabalho é uma exposição sucinta de nossa filosofia. É endereçado a todas as classes da sociedade; seu estilo simples, claro e limpo, está ao alcance de todas as inteligências.

Para mostrar a grandeza da alma de nossa querida irmã, seu desinteresse e seu amor pela humanidade, contaremos como nos conhecemos e como o plano da referida brochura foi concebido.

Em outubro passado, uma senhora que não tivemos a honra de conhecer veio nos visitar, encaminhada por nosso amigo M. de Bassompierre, de Bruxelas.

Conversamos longamente sobre nossa querida doutrina. A simpatia que sentimos reciprocamente nos ligou rapidamente e a conversa rapidamente tomou um rumo íntimo.

Madame C. J. deplorou que nada tenha sido feito em Paris, a casa de todas as grandes ideias, para difundir o Espiritismo entre as massas populares, semeando em profusão textos de propaganda.

Eu gostaria de ver, disse ela, fundar um centro, uma reunião séria, que tomasse a iniciativa dessa ideia, de criar uma entidade especial e barata, encorajar, apoiar os palestrantes, fundar bibliotecas, etc.

Achamos melhor então enviar nosso programa a ela, lido na Assembleia Geral dos Espíritas, na Salle de la Redoute, em 1882, e lhe mostramos os documentos de trabalho desde três anos. Nossa nova amiga permaneceu atordoada por essas revelações inesperadas, pois ela era absolutamente ignorante de nossa existência e de nossos planos. Mas o que mais a surpreendeu foi o silêncio mantido pela Revista da Sociedade para Estudos Científicos, que ela lia regularmente.

Então, em uma onda de simpatia por nossos esforços, ela

imediatamente comprou doze assinaturas do nosso jornal, que ela enviou para seus amigos.

Eu não vou parar aí, ela nos disse. Eu queria colocar em prática o que você fez. Vendo minhas ideias tão bem traduzidas, desejo colaborar, vinculado aos meus meios, com seu trabalho desinteressado. Eu quero publicar uma brochura. Bem, se a União quiser assumir este trabalho e concluí-lo, comprometo-me a cobrir todos os custos que esta publicação necessitará.

A proposta foi aceita com entusiasmo!

Começamos a estudar, e hoje estamos felizes em oferecer este trabalho ao público que o receberá *gratuitamente* fazendo um pedido, acompanhado de um selo de 10 centavos para postagem. A circulação é de vários milhares de cópias.

Fizemos assim votos sinceros de que o objetivo proposto por nossa valente colaboradora seja alcançado: o de aliviar moralmente os desafortunados que perderam toda a fé e procurar trazê-los de volta, pelo Espiritismo, para o caminho da verdade.

Alexandre Delanne

(Pai de Gabriel Delanne)

II

AVISO⁶

*Anunciamos a nossos leitores que a segunda edição da brochura **Consolações** está no prelo. Graças à dedicação de nossos irmãos, 6.000 cópias desta pequena mas excelente obra foram impressas. Vamos enviar para os assinantes em breve o número de cópias a que têm direito.*

⁶ Revista *O Espiritismo*, 2^a quinzena de maio de 1886 – N. E.

III

AVISO⁷

A primeira edição da brochura intitulada: **Consolations**, editado sob os auspícios da Union Espírita Francesa, impressa em *três mil exemplares*, foi rapidamente esgotada.

Nossos leitores sabem que devemos a aparição desta brochura à generosidade de uma de nossas irmãs, a Sra. J., que, compreendendo a influência moralizadora do livro, tomou a iniciativa desse trabalho de propaganda desinteressada.

O sucesso coroou amplamente seus esforços. O pequeno livro acaba de ser editado novamente e impresso em *seis mil exemplares* em vez dos primeiros três mil, graças à participação, toda voluntária, de excelentes corações que responderam imediatamente ao apelo da *observação* que o autor acreditou em colocar no final da obra e que nós reproduzimos:

"Esta pequena obra é oferecida gratuitamente a todos aqueles que o lerão. Se, entre eles, há alguns que pensam que ela pode fazer o bem, peço-lhes que enviem o que quiserem, a fim de reeditá-lo com o maior número possível de exemplares.

"De agora em diante, posso afirmar que o autor não faz disso um trabalho comercial, que todos os exemplares foram dados, e que seu maior pesar é não poder distribuí-los aos milhões ao invés de aos milhares de impressões."

O Comitê da União envia os mais calorosos agradecimentos a todos aqueles que se dignaram a participar na extensão deste panfleto por suas assinaturas todos gratuitos.

O sucesso de nossos projetos de *prodigalidade* está apenas

⁷ Revista **O Espiritismo**, 1ª quinzena de julho de 1886 – N. E.

começando; esperamos que em breve, graças à bondosa solidariedade de nossos amigos, que bem entendem a importância de tal reivindicação para nossas ideias, as edições se sucederão facilmente sem grandes sacrifícios pessoais.

Não é este um exemplo nobre a seguir? Que melhor, de fato, do que pequenos resumos da doutrina colocados à disposição de todos, podem preparar as massas populares para receber depois, os ensinamentos orais preparam nossos palestrantes espíritas do futuro?

Mais uma vez, mil vezes obrigado a todos os nossos colaboradores.

O Comitê

Recebemos ao mesmo tempo um panfleto encantador publicado pela Sociedade Científica e Moral do Espiritismo, em colaboração com o grupo Charlemagne [Carlos Magno].

Nossos irmãos em Lyon tendo visto a boa impressão produzida pela *brochura **Consolations***, seguiram o exemplo dado por nossa irmã, a Sra. C. J., da União Espírita Francesa. Em nossa próxima edição, falaremos novamente sobre esta obra.

Antoine Didelot

IV

RIO DE JANEIRO⁸

Extraímos do *Reformador*, do Rio de Janeiro (Brasil), de 15 de março de 1886.

*"Sob este título '**Consolations**', que uma importante brochura que foi publicada por G. D. C. J., em Paris, e foi dedicado à memória do grande filósofo Allan Kardec.*

Em linguagem clara e resumida a autora demonstra a grandeza e subido alcance da filosofia espírita, o modo de exercer a mediunidade, e o consolo que a nova doutrina traz aos que sofrem."

Agradecemos sinceramente aos nossos irmãos espíritas do Brasil por sua graciosa apreciação.

⁸ Revista *O Espiritismo*, 1^a quinzena de julho de 1886 – N. E.

V

REFORMADOR⁹

CONSOLATIONS

É este o título de uma importante brochura publicada pela Sra. G.D.C.J. em Paris, e dedicada à memória do grande filósofo Allan Kardec.

Em linguagem clara e resumida a autora demonstra a grandeza e o subido alcance da filosofia espírita, o modo de exercer a mediunidade, e o consolo que a nova doutrina traz aos que sofrem.

Agradecemos o exemplar com que fomos mimoseados.

⁹ Revista *Reformador* - março de 1886 – N. E.

VI

AVISO¹⁰

Auderlues, 12 de julho de 1886 (Bélgica)
Grupo "Os Amigos de Auderlues"

Caro Irmão em crença,

Nós viemos agradecer pelas brochuras "*Consolations*" que vós gentilmente nos enviastes. Estamos felizes em encontrar irmãos e irmãs devotos que estão tão abnegadamente propagando nossa amada doutrina. Agradecemos sinceramente por sua boa ação.

Nossos amigos de outros grupos enviam um grande obrigado fraterno. Para toda nossa amizade sincera.

Pelo Comite,

Th. François

¹⁰ Revista *O Espiritismo*, 1ª quinzena de outubro de 1886 – N. E.

VII

AVISO¹¹

Fumay, 16 de agosto de 1986.

Senhor Diretor do jornal *o Espiritismo*,

Estando à beira de fundar um grupo espírita em nossa comunidade dirijo-me a vós na esperança de que vós queirais nos fornecer algumas informações de que precisamos para nos constituir.

Peço-vos, ao mesmo tempo, me informar o preço da assinatura do vosso periódico e, também enviar-me os nomes das principais obras de vossa escolha. Não vos esqueçais de nos enviar ainda as brochuras *Consolações* com o objetivo de fazer propaganda.

Recebais, com meus agradecimentos antecipados, etc.

Gal

¹¹ Revista *O Espiritismo*, 1ª quinzena de outubro de 1886 – N. E.

